

O CRISTO DO AVESSO: ENSAIOS SOBRE O CRISTO NEGRO PERIFÉRICO

Luis Fernando de Carvalho Sousa²⁰

RESUMO

O artigo busca tratar da temática do Cristo por meio de abordagem literária em interface com uma interpretação teológica que privilegia lugares de fronteira e abordagens que fogem dos padrões triviais trabalhados nos círculos teológicos tradicionais. A proposta é trazer uma leitura da obra *O avesso da pele* de Jefferson Tenório e vislumbrar nela elementos da teologia negra e periférica que é vivida em inúmeros lugares do Brasil. A proposta conta como elemento articulador o *Princípio Pluralista*, que visa refletir sobre as tensões do poder e lugares de produção nas fronteiras do saber.

PALAVRAS-CHAVE: Cristo, periferia, teologia negra, Princípio Pluralista

ABSTRACT

The article seeks to address the theme of Christ through a literary approach in interface with a theological interpretation that privileges frontier places and approaches that escape the trivial standards worked in traditional theological circles. The proposal is to provide a reading of Jefferson Tenório's work *O reverse da pele* and glimpse in it elements of black and peripheral theology that is experienced in countless places in Brazil. The proposal counts as an articulating element the *Pluralist Principle*, which aims to reflect on the tensions of power and places of production at the frontiers of knowledge.

KEYWORDS: Christ, peripheral, black theology, Plurarist Principle

INTRODUÇÃO

Qual é a possibilidade em se pensar a proposta de um Cristo negro por meio da relação com a literatura? Faremos isso através de um breve ensaio que visa destacar

20 Teólogo, mestre em filosofia e professor de Teologia.

aspectos do livro *O avesso da pele*, de Jefferson Tenório e analisar as possíveis interações que o mesmo pode estabelecer com aspectos teológicos.

Nossa empreitada visa mostrar como a dinâmica do racismo perpassa as várias esferas sociais e é uma chaga social a ser combatida. Além de tudo isso, do ponto de vista teológico, o racismo é um pecado, pois atenta contra a vida humana e está em desacordo com a vontade divina expressa nas Escrituras Sagradas, uma vez que, Deus zela pela vida.

A proposta possui os seguintes pontos: primeiramente iremos tratar do racismo na obra de Tenório e sua relação com a sociedade. Nesse sentido, sinalizaremos para a abordagem crítica que é destacada através da proposta literária de Jefferson Tenório com o intuito de apresentar as diversas formas que o racismo se apresenta na sociedade e como penetra na mentalidade de pessoas de maneira sutil sem que as mesmas percebam sua nocividade. Para corroborar nossos argumentos utilizaremos alguns referenciais teóricos que discutem a temática tais quais Jessé Souza, Silvio Almeida e Achille Mbembe.

Num segundo momento iremos destacar as aproximações entre teologia e literatura e suas possibilidades de leitura. Por meio de algumas ilações e propostas de leitura que visam identificar o Cristo numa perspectiva humanista, ou seja, que se relacione mais diretamente com a vida e realidade das pessoas oprimidas sinalizaremos leituras tais quais: a identificação do Cristo com os negros; pobres e oprimidos do sistema, assim como, delinearemos possibilidades a serem tratados alguns assuntos. Por fim indicaremos de forma breve e introdutória como uma proposta do “Cristo periférico negro” pode coadunar os elementos elencados.

De forma geral, nosso objetivo é trabalhar a obra de Jefferson Tenório e destacar os elementos que fazem relação com a perspectiva de Jesus de Nazaré e sua existência como sujeito histórico, vítima de um sistema de dominação estruturante e excludente e, portanto, alguém identificável com os dilemas da população negra brasileira.

Nesse sentido o Cristo estaria no avesso do sistema, ou seja, ele não se encontra na estrutura normativa padrão, mas na contradição desse sistema de opressão. O avesso; o revés do sistema; a margem: lugares onde se pode identificar o Cristo.

RACISMO E TEOLOGIA NUMA PERSPECTIVA LITERÁRIA

Por meio da obra *O avesso da pele* iremos delinear a abordagem literária que retrata do dilema da população negra e sua luta por reconhecimento no espaço social. Sendo assim, nos ocuparemos em responder questões tais quais: como entender a relação solidária na periferia negra? Qual é a reivindicação que se pode fazer por meio disso?

O avesso da pele trata do dilema de um jovem negro que passa a retratar de forma narrativa a vida de seus pais (infância, adolescência, faculdade e vida profissional) com o

intuito de mostrar as dificuldades enfrentadas pela juventude negra no Brasil (embora o livro seja situado em Porto Alegre anos 1980-1990 trata de temas contemporâneos a ainda não superados).

A trama se desenvolve em torno da vida do professor de língua portuguesa e literatura, pai do narrador; morto numa abordagem desastrosa por parte da polícia militar, que o confunde com um bandido alvejando-o fatalmente. Além disso, a obra discute temas como: ambiente escolar e sociedade; desestrutura familiar; sentimento de pertença; racismo; alienação entre outros.

Trata-se de um texto narrativo que gera a impressão no leitor de uma carta sendo escrita em memória do pai. A obra trata de forma peculiar as questões da juventude e dilemas triviais comuns a jovens que ascendem socialmente, mas não possuem reconhecimento social e continuam vítimas dos sistemas de racismo e preconceito.

Durante a narração são indicados elementos triviais da vida de populações negras e periféricas. Por meio dessas memórias que envolvem a trama destacaremos questões inerentes à sobrevivência humana na periferia.

No geral, o jovem negro possui poucas referências no que diz respeito ao mundo acadêmico. A narração do professor que inspiraria o pai do narrador a também ser professor é feita em torno da figura de outro negro, o professor Oliveira assim descrito:

Será com ele que você tomará a consciência de si e do mundo branco em que está inserido. Oliveira era poeta e professor de literatura. Usava cabelo black power. Barba grande. Você ficou impressionado com aquele professor que falava se Shakespeare e Ogum com a mesma intensidade e beleza. (TENÓRIO, 2020, p.29)

Oliveira é uma referência de resistência e sobrevivência de pessoas negras que ocupam lugares que aparentemente são “destinados” à população branca – uma vez que na dinâmica do racismo somente o trabalho braçal seria o “destino” das populações negras. Essa forma de ser e resistir é algo que servirá para marcar de forma definitiva a vida de um dos personagens principais da trama, uma vez que, se insere na juventude (pai do narrador).

Um dos elementos que integram a tomada de consciência e conhecimento sobre a questão racial, ou ainda, o letramento racial tem relação com as situações que se vive em meio a tantas vicissitudes do cotidiano. “[...] quando naquele almoço de domingo o tio dela de cinquenta e quatro anos, o Sinval, um motorista de Kombi escolar, te chamou de *negão*, você não se importou.” (TENÓRIO, 2020, p.29)

Ao perceber que as pessoas são tratadas de forma diferente conforme a tonalidade da pele as relações críticas vão sendo estabelecidas e elementos vão auxiliando a tomada de posição diante de determinadas realidades. O personagem principal (professor) da

trama vai de forma paulatina entendendo como as coisas vão acontecendo e aprendendo com isso a lidar com a hostilidade das pessoas.

A questão racial no Brasil é motivo de controversas e debates ao longo de muitos anos, pois há quem defenda que, ao contrário da África do Sul e dos Estados Unidos, o Brasil não efetivou nenhum dispositivo legal para fomentar a divisão racial que legitimasse tal prática. Contudo, em contrapartida, no pós-abolição às populações negras foi vedado o direito ao trabalho; escolarização e inserção social de forma justa e igualitária em relação ao restante da população.

As discussões que se fazem em torno desse assunto desenvolvem-se em diversos campos, mas nesse texto daremos enfoque às perspectivas propostas por Silvio Almeida; Jessé Souza e Achille Mbembe.

Almeida discute a tese de um racismo estrutural, que é reproduzido de forma sistemática em mecanismos estruturais da sociedade e não permite com que pessoas negras ascendam aos lugares mais elevados e mantenham-se à margem e/ou segregadas do processo de formação e mudança de classe social. Isso na visão do autor estaria ligado à estrutura escravista do Brasil e sua herança histórica. Sendo assim, apresenta sua tese do que seria o racismo num viés estrutural.

Jessé Souza é outro autor que destaca também a questão do racismo em sua formação e como há um abismo entre a elite e as chamadas classes subalternas. Para Souza, além de outras coisas, a elite brasileira conta com a chamada mais valia de tempo, ou seja, não necessita de horas exaustivas de trabalho e deslocamento desgastantes para alimentar seu orçamento. Sendo assim, dispõem de mais tempo com os filhos. Já as classes inferiores enfrentam jornadas de trabalho longas (além do deslocamento que demandam muito tempo - em alguns casos horas). Isso faz com que o abismo social entre ricos (maioria branca) e pobre (maioria negros e pardos) aumente, pois a diferença salarial somadas às condições de vida se apresentam de maneiras cada vez mais precárias.

Achille Mbembe, por sua vez, apresenta a proposta de necropolítica, que visa o extermínio de minorias sociais e étnicas. No Brasil isso se aplica às populações que estão à margem dos processos sociais. No caso das populações negras e periféricas essa é uma realidade que se aplica de forma perfeita, uma vez que, explícita como mecanismos de domínio e exploração do trabalho atuam de forma a perpetuar o privilégio de algumas classes.

Para aprofundar nossa discussão iniciaremos com uma explanação sobre a temática por meio da proposta de Silvio Almeida, que discute o racismo de forma abrangente. O autor pensa na perspectiva estrutural do racismo, ou seja, destaca que o preconceito atinge níveis mais intensos abarcando de forma geral estruturas políticas e sociais, formando assim, mecanismos que vedam (ou dificultam ao máximo) a inserção de pessoas negras em determinados espaços.

O racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica. Porém o uso do termo “estrutura” não significa dizer que o racismo seja uma condição incontornável e que ações políticas e institucionais antirracistas sejam inúteis; ou ainda, que indivíduos que cometam atos discriminatórios não devam ser pessoalmente responsabilizados. (ALMEIDA, 2019 p.50-51)

Essa é uma das maneiras que o racismo se apresenta de forma estrutural e sistêmica na sociedade brasileira. Muito disso é devido ao histórico brasileiro escravista e a não reparação devida aos grupos que sofreram com as discrepâncias sociais com anuência do Estado.

É mister salientar que não foi somente a população negra que sofreu com as políticas de penalização de um grupo e privilégio de outros. Os indígenas e “mestiços” sofreram de forma semelhante, uma vez que, o Estado brasileiro visou privilegiar o estereótipo europeu (branco) em detrimento das demais etnias.

Uma das pautas retratadas por Tenório na obra é: destacar que o racismo estrutural está presente de forma inequívoca na sociedade brasileira e tem vitimado pessoas seja de forma fatal, seja em punições como cadeia; trabalho precarizado e privação de tempo de qualidade com a família, por exemplo.

Além do racismo estrutural retratado de forma magistral em *O avesso da pele* outro elemento de destaque diz respeito à desestruturação familiar. Só o tema em si é alvo de uma exploração ampla e complexa, entretanto, quando diz respeito à população negra/pobre ganha outros contornos ainda mais delicados.

Um dos problemas que assolam as famílias pobres brasileira é, certamente, a desestruturação. Quando isso envolve a população negra tem-se o agravante do histórico da escravidão que legou uma desestrutura, sobretudo, às populações pobres, marginais e que não tiveram oportunidades de emprego tal qual a população branca, por exemplo.

Num dos momentos descritos pelo narrador da trama sua mãe encontrava-se grávida e foi morar com o pai. A mãe era branca e o pai negro. Os dois residiam em Porto Alegre (RS) e pela condição socioeconômica do pai foram habitar uma periferia. Dentre poucos anos o casal se separaria por conta da desestruturação familiar. A passagem envolvendo esse episódio é narrada da seguinte forma:

Quando você e minha mãe foram morar juntos, vocês jamais imaginaram que as coisas fossem acabar como acabaram. Você ignorou todos os sinais de que aquilo não iria terminar bem. Eu não o culpo. Também não culpo minha mãe, mas para mim é difícil entender por que me deixaram vir ao mundo numa situação como aquela que vocês se encontravam. (TENÓRIO, 2020, p.73)

Uma das coisas evidenciadas nessa passagem é a condição precária que é comum à maioria da população negra brasileira. Não somente a condição de vida de um casal, mas

as consequências que isso gera na vida de seus filhos e pessoas que perfazem os laços de dependência envolvendo tais.

Obviamente que tal legado é fruto de uma construção histórica que penalizou a população negra, não lhe dando oportunidades de trabalho no pós-abolição, fazendo com que alguns direitos como: emprego, moradia, educação, etc. lhes fossem vedados. Consequentemente essa população ficou à margem dos processos sociais e reproduziu em cadeia uma estrutura precária de vida (salvo raras exceções).

Quem ajuda a pensar essa questão e aprofundar os debates em torno do tema é Jessé Souza em *A elite do atraso*. Para este autor a questão que envolve a desestruturação familiar passa por vários recortes sendo o legado da escravidão e o recorte étnico/racial os mais comprometedores.

Jessé argumenta que a elite possui tempo para mostrar a importância dos estudos; incentivar a arte – por meio de viagens, exposições, aquisição de produtos, etc. – fazendo com que as crianças desde a tenra idade sejam estimuladas a convivência com os elementos fundantes da educação. Às populações periféricas, em sua maioria desestruturadas, cabem “às migalhas”.

Mesmo no caso das famílias que aparentemente possuem a estrutura funcional padrão (normativo tradicional ocidental) com pais não divorciados a educação não é tida como prioridade, pois não a narrativa não condiz com a realidade, uma vez que, a educação não se mostra como elemento de transformação ou ligada à ascensão social.

Na família dos excluídos, tudo milita em sentido contrário. Mesmo quando a família é construída com pai e mãe juntos, o que minoria das famílias pobres, e os pais insistem na via escolar como saída da pobreza, esse estímulo é ambíguo. A criança percebe que a escola pouco faz para mudar o destino de seus pais, por que ela iria ajudar a mudar o seu? Afinal, o exemplo, e não a palavra dita da boca para fora, é o decisivo para o aprendizado infantil. (SOUZA, 2017, p.97)

Jessé chama isso de mais-valia de tempo. Podemos ampliar o termo aqui para “mais-valia de tempo de qualidade”, isto é, quando se demonstra na prática que o investimento em educação, cultura e lazer poder ser muito prazeroso, pois a construção da imagem da educação; as condições materiais e o tempo dos pais presentes irão fazer a diferença isso na valorização, promoção e benefícios que a mesma pode trazer no ingresso no mercado de trabalho.

Os elementos determinantes para o sucesso das famílias de classe alta, na maioria das vezes composta por pessoas brancas, se explicam entre outras coisas pela presença dos familiares de forma mais constante e o tempo de qualidade que é empregado em atividades físicas, recreativas, lúdicas, etc.

Nas famílias pobres (maioria negra) o que acontece é que os pais empregam grande parte do tempo no trabalho e no deslocamento para o mesmo e possuem pouco tempo com os filhos. E a citação (supracitada) de Jessé é oportuna, pois a criança (negra em sua maioria) ouve os pais falarem de importância dos estudos, mas não observam a efetivação disso na prática cotidiana de seus pais.

As dificuldades da população negra não se encerram na luta pela ascensão social. A permanência em determinadas posições também é um dilema que envolve a sobrevivência. Uma das formas de o narrador mostrar isso é sinalizando que o professor, personagem principal da trama, não somente passou por dificuldades na vida e em sua formação como sujeito, mas também teve várias limitações em permanecer na posição de professor e, de certa forma, sobreviver como docente.

Como a trama é situada na capital do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, uma cidade de colonização europeia e com ocupação de cargos e posições “estratégicas” por pessoas brancas. Nos anos 1990 (tempo em que a narração é datada) não era comum ver professores negros e por isso é relatada a dificuldade.

Você simplesmente não sabe como sobreviveu à escola, primeiro como aluno, depois como professor. Não sabe como argumentou todas aquelas situações constrangedoras e violentas que a escola proporciona a todos que fazem parte dela. Entretanto, esse mundo escolar havia uma hierarquia de chateações. Para você, a reunião com os pais estava no topo, nada se comparava às horas perdidas com aquilo. (TENÓRIO, 2020, p.129)

De certa forma alguns setores do trabalho são alvos de críticas tanto pelas elites, quanto pela classe média. No Brasil, de acordo com Jessé Souza o ódio é à classe trabalhadora. Isto é, alguns setores são admirados e até mesmo invejados e outros são desprezados e odiados. “A classe média brasileira possui um ódio e um desprezo cevados secularmente pelo povo. Essa é talvez nossa maior herança intocada da escravidão nunca verdadeiramente compreendida e criticada por nós.” (SOUZA, 2017, p.169)

Nesse sentido, quando uma pessoa negra ascende socialmente passa a ser vista como estando fora de seu lugar “original”. Se isso acontece com um professor o que dirá com um médico ou magistrado? São inúmeros os casos em que pessoas que ocupam função de destaque são questionadas e abordadas nas ruas como se fossem suspeitos em potencial de crimes.

O romance de Tenório visa levantar questões caras à educação (informal) no Brasil e a forma com que a cultura é passada de geração em geração e não questionada da forma devida, uma vez que, não se preocupa em mudar a “ordem natural” das coisas. Parece que para muita gente é conveniente manter a estrutura do preconceito e desigualdade.

Quais as ideias que a elite cultiva sobre as classes subalternas?

Se possível, deve-se humilhá-lo, enganá-lo, desumanizá-lo, maltratá-lo e mata-lo cotidianamente. Era isso que se fazia com o escravo e é exatamente a mesma coisa que se faz com a ralé de novos escravos de hoje em dia. Transformava-se o trabalho manual e produtivo em vergonha suprema, como “coisa de preto”, e depois se espantava que o negro não enfrenasse o trabalho produtivo com a mesma naturalidade que os imigrantes estrangeiros, para quem o trabalho era símbolo de dignidade. Dificultava-se de todas as formas da formação da família escrava e nos espantamos com as famílias desestruturadas dos nossos excluídos de hoje, mera continuidade de um ativismo perverso para desumanizar os escravos de ontem e de hoje. (SOUZA, 2017, p.169-170)

As problemáticas que envolvem a vida da população negra não se encerram na limitação social ou nas escassas oportunidades de emprego que são obrigados a enfrentar. Também dizem respeito à violência policial e a pressuposição de que sempre se tratam de pessoas criminosas além de sempre necessitar uma espécie de validação no que diz respeito a não culpado a população negra é trivialmente suspeita.

Avesso da pele vem trazer à tona um debate presente não somente na sociedade brasileira, mas em todas as localidades em que a escravidão foi utilizada como *modus operandi* para gerar lucro em prol do sistema capitalista. Tal estrutura trouxe em seu bojo um legado de preconceito e escravidão.

Você só se deu conta do que estava acontecendo quando um deles falou mais alto e disse para você parar. Era uma abordagem. Sua cabeça ainda estava na sala de aula, ainda estava em Dostoiévski. Ele gritou para você para você parar. Gritou para você ir para a parede [...] o primeiro tiro pegou no ombro, e foi como se você tivesse levado uma pedrada forte. O segundo tiro foi no peito [...] (TENÓRIO, 2020, p.176-177)

A fatídica abordagem policial que encerra a trama e acaba por vitimar um homem negro muito mais do que um romance visa destacar como o racismo, por exemplo, se estrutura do ponto de vista social e se entranha nas estruturas sociais de forma que lhe fazer oposição passa a ser uma necessidade sistêmica.

As aproximações que se pode fazer entre literatura e outras áreas do conhecimento são inúmeras. Dessa forma, a teologia também pode despontar como eixo articulador entre questões sociais e a literatura.

Sendo assim, há referenciais teóricos que nos ajudam a pensar a questão e a refletir sobre temas que são transversais. Um desses referenciais é o princípio pluralista, que é uma forma de propor as relações entre os saberes distintos de forma plural, como o próprio nome sugere.

[...] Ele é um instrumento hermenêutico de mediação teológica e análise da realidade sociocultural e religiosa que procura dar visibilidade a experiências, grupos e posicionamentos gerados nos “entrelugares”, bordas e fronteiras das culturas e das esferas

de institucionalidades. Ele possibilita divergências e convergências novas, outros pontos de vistas, perspectivas críticas e autocríticas para diálogo, empoderamento de grupos e de visões subalternas e formas de alteridade e inclusão, considerados e explicitados os diferenciais de poder na sociedade. (RIBEIRO, 2020, p.24-25)

Entender as diversas dinâmicas que perpassam os campos sociais é uma tarefa complexa, que pode ser facilitada quando se consegue articular de maneira coesa os campos em que os saberes convergem. No caso da proposta de Ribeiro, o que se propõe é conjugar os diversos saberes no intuito de fazer uma análise perpassada por um viés teológico a respeito deles.

O *avesso da pele* trata-se de um romance que visa trabalhar questões raciais triviais por meio de uma narração que é verossímil e poderia ser um livro biográfico retratando os dilemas da população negra e a difícil relação da mesma com setores do Estado (polícia, justiça, etc.) e preconceitos socialmente construídos ao longo dos séculos no Brasil.

A interface que se pode fazer tem como eixo articulador a vida e sua reivindicação, ou ainda, sua afirmação perante os sistemas de morte. Nesse sentido orientaremos um questionamento por meio da seguinte pergunta: como o drama racial descrito em *O avesso da pele* pode gerar interpelações teológicas tendo como prisma a luta racial e dignidade humana?

No que diz respeito à literatura e as questões raciais esse eixo articulador pode servir para sinalizar algumas questões teológicas basilares desse campo. Tendo como premissa a valorização da vida em todas as suas formas “[...] a literatura guarda saberes importantes para a reflexão teológica, que pode superar o vazio deixado pelas ciências. É nesse ponto que o debate sobre os caminhos do discernimento e interpretação da complexidade social se cruza com a reflexão teológica sobre a literatura” (RIBEIRO,2020, p.189).

Dada essa questão cabe-nos entender como se pode pensar numa relação possível entre teologia, literatura e o racismo. A articulação possível que se pode fazer visa dialogar com esses distintos elementos e apontar para um acento teológico possível que vise mostrar como a vida e a defesa pela dignidade humana despontam como elementos de grande valor teológico a serem defendidos e definidos numa perspectiva teológica.

A afirmação pela vida e dignidade humana são eixos centrais da teologia – ao menos numa perspectiva pluralista. Sendo assim, assumimos a premissa de Ribeiro quando pontua “[...] o Evangelho leva as pessoas a viverem a lógica do amor e da alteridade. Assim, não podem fugir do mundo (dos relacionamentos), da história (dos compromissos concretos) (deixando de assumir a condição humana). Ou seja, sem a vida comunitária e política não pode haver Evangelho[...]” (RIBEIRO, 2020, p.392).

O Cristo negro e periférico

Ainda que em forma de romance, mas tratando de um tema caro a milhões de pessoas o racismo abordado em *O avesso da pele* traz à tona um debate interessante e problemático se pensarmos do ponto de vista de uma abordagem cristã - pelo prisma da alteridade. O que nos leva a um questionamento: onde estaria o Cristo na perspectiva do racismo descrito na obra²¹?

Se entendermos que o Cristo se identifica com os oprimidos do sistema; está nas periferias e manifesta-se na dor dos oprimidos podemos assentir que o Cristo, crucificado, vilipendiado é o Cristo periférico que se revela na dor do negro oprimido pelas estruturas de poder, que é vítima da violência policial; é mais uma vítima do genocídio perpetrado pelos sistemas hegemônicos de morte que operam visando dizimar os fracos e oprimidos do sistema de domínio.

Nesse sentido, a figura do professor negro e periférico com todas as limitações sociais e econômicas é semelhante à figura do Cristo, uma vez que, tratam-se de realidades com sentimentos e lugares de pertença comuns. Pensar na dinâmica negra brasileira é pensar na perspectiva do Cristo periférico, que não se encontra nos lugares de privilégio e muito menos nas estruturas de poder que oprimem as minorias.

Da mesma forma como ocorreu na vida e ministério de Jesus de Nazaré, o Cristo (messias), a localização do Cristo negro e periférico está no “avesso” do sistema, isto é, na periferia nos lugares incômodos que a sociedade insiste em invisibilizar e negar.

Em *Necropolítica* (2018) Mbembe faz um ensaio sobre a gênese do que denomina como *necropolítica* que, em síntese, significa: “governo da morte”, ou ainda, governo orientado para a morte. Nas páginas introdutórias o autor cita o seguinte: “Este ensaio pressupõe que a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (MBEMBE, 2018, p.5).

Essa premissa é muito importante para entendermos tanto a relação de estruturação do sistema injusto que envolve o racismo e a sociedade que o normatiza, quanto a proposta de um Cristo orientado para as relações periféricas que chegam a contrapor o sistema por sua mera existência. Em síntese isso implica em afirmar que à medida que se destoa do sistema e se insiste em valores que afirmam determinadas pertenças a estrutura normativa se sente ameaçada e visa cooptar ou aniquilar tal proposta.

No caso de Mbembe isso tem relação com o que denomina como *necropolítica*, que é uma orientação para a morte de determinados grupos. Esses grupos incluem, inevitavelmente, as populações negras e as expressões que se contrapõem o sistema de dominação.

21 Embora não estejamos tratando de um escrito teológico denso e sistemático necessitamos destacar que a ideia do Cristo ou uma perspectiva humana descrita nesse texto diz respeito ao entendimento do ministério de Jesus Cristo de Nazaré e suas implicações cotidianas.

A partir dessa afirmação Mbembe vai buscar fundamentos para sustentar sua tese. Para o autor a necropolítica: “É o resultado de riscos conscientemente assumidos pelo sujeito. De acordo com Hegel nesses riscos o “animal” que constitui o ser natural do indivíduo é derrotado” (MBEMBE, 2018, p.11-12). Trata-se, portanto, de um processo dialético que envolve o humano e seu espaço social. O risco da morte e sua acomodação no sistema passam a ser integrantes do processo civilizatório. Avançando na discussão Mbembe insere Bataille e faz a síntese com a teoria de Hegel.

A vida além da utilidade, diz Bataille é o domínio da soberania. Sendo esse o caso, a morte é o ponto no qual destruição, supressão e sacrifício constituem um dispêndio tão irreversível e radical - e sem reservas - que já não podem ser determinados como negatividade. A morte é o próprio princípio do excesso - uma “antieconomia”. Daí a metáfora do luxo e do “caráter luxuoso da morte. (MBEMBE, 2018, p.14)

Onde está o Cristo nessa dinâmica (na perspectiva literária)? Na morte do professor na trágica abordagem policial. Não só na morte fatal, mas na morte sistemática que racismo produz cotidianamente de forma “homeopática” às pessoas.

O Cristo periférico que é facilmente identificado com o dilema do pobre, trabalhador; as pessoas que são vítimas do sistema e não possuem forças políticas para lutar contra tantas atrocidades se somam num grito de lamento com milhares de pessoas ao redor do mundo que clamam por libertação.

A exemplo dos escritos bíblicos, o Cristo se manifesta na periferia do sistema. Nazaré era uma cidade periférica de Jerusalém. Jesus de Nazaré, o Cristo, manifestou-se em favor dos pobres e excluídos, foi morto e crucificado por sua atuação, que ameaçava o *status quo* romano e desestabilizava a religião oficial da época.

A crucificação de Jesus foi um ato violento que ao mesmo tempo é simbólico, pois os sistemas de dominação tendem a repetir a mesma dinâmica quando pessoas ou grupos agem de forma semelhante. No caso em questão o Cristo se manifesta no avesso da história, isto é, ele se identifica com o dilema do professor vitimado por uma abordagem desastrosa.

Além disso, Cristo se identifica com as pessoas pobres e oprimidas do sistema, que são dia após dia vilipendiadas, humilhadas e oprimidas por mecanismos de dominação e supressão de liberdade. A identificação dá-se pelo fato de ser ele mesmo o “avesso da história”, ou seja, está no lado oposto do sistema estruturante.

Em cada ato de racismo e desagravo sofrido por populações em situação de vulnerabilidade; em cada momento de atentado aos direitos humanos, Cristo é também humilhado.

Tal identificação coloca a ação prática de Cristo como contra hegemônica e em desacordo com os sistemas de dominação. Nesse sentido, fica patente que a valorização

e estimulação de mecanismos que questionam valores de segregação e domesticação de corpos são identificados com a proposta de Cristo.

O *avesso da pele* ajuda a pensar a dinâmica racial e social uma vez que faz uma delimitação precisa sobre o lugar da maioria negra no Brasil, seu sofrimento, e algumas possibilidades de ascensão social por meio da educação, da valorização periférica, do “empoderamento” por meio da autonomia em contar a própria história, etc. Contudo, também deixa explícita a barreira social que é imposta às populações periféricas.

O título “avesso da pele” visa denunciar um certo “padrão” normativo de pele em detrimento de outras tonalidades. Além da pele a perspectiva denunciada por Tenório tem relação com todo um *ethos* periférico, ou seja, não é somente a população negra que é vítima de preconceito, mas todo um espectro que envolve grupos e comportamentos considerados fora do padrão, ou ainda, anômalos quando comparados ao padrão socialmente estabelecido.

O Cristo avesso, negro e periférico identifica-se com o dilema das minorias. Nesse sentido, seu sofrimento e sua missão conferem valor existencial a quem sofre de forma semelhante. Sendo assim, a identificação com os sofrimentos de Cristo ou ainda, a missão de Cristo se faz quando o povo sofredor é vilipendiado pelo sistema e é igualmente vítima dos poderes constituídos.

O avesso tende a se mostrar como o lado certo numa sociedade constituída de relações desiguais, exploradoras do trabalho alheio e fomentadora de mecanismos que privilegiam algumas classes e penalizam outras. Estar em desacordo com esse modelo social, de certa forma, é alinhar-se com a vontade divina, uma vez que, as estruturas corruptas dessa realidade tendem a estar em desacordo com a primazia dos valores anunciados e identificados como Reino de Deus, que em tese, representa a vontade de Deus para humanidade expressões nos valores como: amor, justiça, solidariedade, igualdade, etc.

Mas a libertação não vive só de lamentos. Uma proposta do Cristo periférico necessariamente visa fomentar: um pensamento consciente sinalizando para a crítica aos sistemas estruturantes de dominação; a noção do lugar em que as populações oprimidas se encontram; um projeto de libertação por meio da fé e nação dos valores do Reino de Deus como principais orientadoras da ação cotidiana.

Uma das formas de se fazer isso está na própria dinâmica de produção do livro, isto é, o autor é uma pessoa negra, que em muitos momentos coloca sua história de vida imbricada nos dramas vividos por personagens de sua obra e com isso estimula seus leitores a pensarem a partir de sua realidade e problematizarem todos os sistemas que não dignificam a vida humana.

A literatura em si desponta como um elemento de contestação social e política e, de certa maneira, sinaliza para a conscientização no sentido de ajudar a situar o debate. As ferramentas da escrita, construção lógica do pensamento, veiculação da ideia literária são exemplos de como a proposta do Cristo periférico pode ser viabilizada favorecendo o debate em torno de algumas questões.

O Cristo negro e periférico²² tem a árdua missão de insuflar as massas fazendo com que as mesmas tenham consciência de sua realidade social e possam lutar pela sua emancipação política e social. Uma vez denunciada a opressão há possibilidades de romper por meio de mecanismos que questionem as estruturas injustas: literatura, poesia, rap, valorizam periférica esses e outros elementos perfazem a dinâmica de ruptura com o sistema de dominação que estrutura a desigualdade social.

Entender a dinâmica e a lógica da opressão que o sistema opera é fundamental, contudo, destacar os aspectos da prática e emancipação orientados pelos valores do Reino de Deus são elementos imprescindíveis. Dessa forma se delineia o esboço de um Cristo periférico negro.

CONCLUSÃO

Do ponto de vista teórico e metodológico a abordagem da teologia de uma forma a privilegiar os locais marginais, com delimitações precisas e com relevância é um desafio que assumimos nesse breve ensaio. Muitas reflexões podem e dever ser aprofundadas, contudo, nossa contribuição está muito mais no sentido de provocação e despertamento de reflexões do que uma conclusão “acabada”, propriamente dita.

Nosso esforço até aqui foi levantar elementos orientadores para um pensar autônomo e comprometido com as populações periféricas no sentido teológico. Dessa maneira, é inconclusa e inacabada nossa singela proposta, embora, pertinente e necessária. Por isso não ousamos delimitar padrões ou eleger questões a serem trabalhadas preferindo manter o texto como uma provocação sujeita a críticas, questionamentos e ampliações.

A proposta de identificação dos dilemas da população negra brasileira com Cristo não é uma novidade, pois há setores como a Teologia da Libertação que fazem isso há algumas décadas. Nosso intuito é sinalizar como isso pode ser trabalhado numa proposta literária visando fomentar a discussão e conscientização por meio da literatura em si e dos desdobramentos que isso pode gerar quando se concebe a proposta de uma maneira interativa com a realidade.

22 Utilizado aqui como metáfora a ser vivida por meio de um comportamento mimético, ou seja, por intermédio do entendimento e imitação de atitudes e valores que sinalizam para o exemplo cristão como manifestação da graça divina no cotidiano.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. **Princípio Pluralista**. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava-Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.